



**Poder Judiciário do Maranhão
Tribunal de Justiça**

CLIPPING IMPRESSO

14/10/2012

INDICE

1. JORNAL CORREIO DE NOTICIAS	
1.1. DECISÕES.....	1
2. JORNAL ESTADO DO MARANHÃO	
2.1. AÇÕES TJMA.....	2 - 5
2.2. DESEMBARGADORES.....	6
2.3. JUIZADOS ESPECIAIS.....	7 - 8
3. JORNAL O IMPARCIAL	
3.1. SERVIDORES.....	9 - 10
4. JORNAL PEQUENO	
4.1. VARA CRIMINAL.....	11

CASO DÉCIO SÁ

Dois acusados da morte de jornalista tem HC negado

Em decisão unânime, a 2ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA) negou na última quinta-feira (11), um pedido de habeas corpus para os empresários Gláucio Alencar Pontes Carvalho e José de Alencar Miranda Carvalho. Eles são dois dos denunciados pela morte do jornalista Décio Sá, assassinado a tiros na noite de 23 de abril deste ano, no bar Estrela do Mar, na Avenida Litorânea, em São Luís.

A votação foi de acordo com o parecer assinado pelo procurador de justiça Marco Antonio Guerreiro, confirmado em banca pela procuradora de justiça Rita de Cássia Moreira. Segundo o entendimento do Ministério Público estadual, os

autos demonstram a materialidade do crime e indícios suficientes que apontam os dois como mandantes do assassinato do jornalista.

O relator, desembargador Raimundo Nonato de Souza, constatou que a decisão que decretou a prisão preventiva está calcada em requisitos e pressupostos constantes do Código de Processo Penal, bem como em elementos concretos. Concluiu que a manutenção da prisão foi manifestadamente fundamentada, sem qualquer afronta à Constituição Federal.

O desembargador Bernardo Rodrigues concordou com o relator e enfatizou que crimes dessa natureza são crimes contra a humanidade. O juiz José

Costa, convocado para compor quórum, também votou pela denegação do habeas corpus.

Defesa - A defesa dos acusados sustentou que os dois foram presos de forma contrária à lei e que houve falta de fundamentação no decreto de prisão preventiva, assinado pela juíza Ariane Castro Pinheiro. Alegou que a medida não pode ser usada pelo poder público como instrumento de punição antecipada e que não ficou demonstrada a necessidade da prisão. Pediu a revogação do decreto.

A decisão, assinada em 9 de agosto, decretou a prisão preventiva de dez acusados de envolvimento na morte do jornalista, entre eles os dois empresários e Jhonatan de Sousa Silva,

denunciado como o executor do crime. À época, a juíza disse ter sido o crime praticado com indícios de que se trate de organização de expressivo poderio econômico e intervenção malévola na sociedade civil e que representa evidente risco à garantia da ordem pública e econômica, pois, em liberdade, poderiam repetir as condutas.

Em seu voto, o relator citou decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) e do próprio TJMA, que denegaram pedidos de habeas corpus em casos semelhantes. Raimundo Nonato de Souza entendeu que a medida cautelar encontra-se respaldada em justificativa idônea e suficiente à segregação provisória.



Douglas Júnior

Usuários de crack aproveitam-se do abandono do prédio da Oleama, na Praia Grande, para consumir

Prédios abandonados são ponto de uso de drogas

Imóveis destinados à revitalização em São Luís são usados por quem consome drogas para alimentar o vício, pondo em risco a segurança de quem mora ou passa pelos locais. **Cidades 1 e 2**



No Centro, viciados em drogas usam prédios em qualquer horário

No imóvel onde funcionou a Oleama, na Rua da Estrela, pelo menos 20 pessoas se agrupam na parte interna para usar maconha e crack todas as noites; na edificação do antigo Sioge, usuários de drogas matam a fome e o vício

No Centro Histórico de São Luís, o antigo prédio da empresa Oleaginosas Maranhense S/A (Oleama) tem uma das situações mais críticas quando se trata de ocupação por usuários de drogas e áreas utilizadas por médios e pequenos repassadores de entorpecentes. No Desterro, ao lado do Convento das Mercês, de frente para a Baía de São Marcos, os viciados não têm horário para utilizar o lugar. À noite ou durante o dia todo, o espaço é usado por pessoas que fumam maconha ou queimam pedras de crack atrás das moitas e dentro das ruínas do que sobrou do prédio.

Na antiga fábrica, na Rua da Estrela, está situada a maior concentração de usuários de crack da cidade. Por noite, segundo relatos de donos de comércios adjacentes, que não quiseram se identificar, com medo de represálias, cerca de 20 pessoas ficam, na parte interna da estrutura, consumindo drogas. Agentes de limpeza que trabalham no trecho afirmam que a maioria, além de ser consumidora, também é fornecedora dos entorpecentes. Nenhum dos agentes, no entanto, afirmou ter sofrido ameaças de usuários.

Moradores do Centro apontam a área como local de distribuição de drogas e principalmente dos viciados no crack. De lá, eles se espalham por prédios abandonados de áreas vizinhas casarões, vão ao Papódromo ou consomem em outros pontos. Um deles é o prédio abandonado que abrigava o Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (Sioge), no Mercado Central, também usado diariamente. Muitos viciados recolhem lixo nos contêineres, em busca de restos de comida e, em seguida, se dirigem à parte interna do imóvel,

onde matam, simultaneamente, a fome e o vício, este último mantido pelos constantes assaltos cometidos na região do centro da cidade.

Com a maior parte das janelas sem vidros ou proteção, o lixo acumula-se em cada ambiente do antigo Sioge, que está abandonado e sem vigilância. A população no entorno reclama de constantes assaltos e denuncia que o espaço passou a abrigar moradores de rua, que passam o dia perambulando, mas à noite voltam ao local para dormir. Dentro do prédio, restos de cigarros, latas de tintas, papéis e excremento humano se misturam ao odor de urina espalhado por todos os cantos. A estrutura do prédio está bem conservada. As paredes são de concreto. O telhado está caindo. Telhas foram retiradas ou caíram.

Ocupação - Em todos os cômodos do imenso casarão que deve ter aproximadamente 1.500 m², com dois pavimentos, há resquícios de ocupação humana. Migalhas de espuma de colchões espalham-se pelo chão de diversas partes. Móveis velhos e usados de madeiras ficam empilhados, com portas antigas. Parte do material de madeira é utilizado em pequenas fogueiras, que são usadas por moradores de rua para preparar comida. Em um dos compartimentos encontra-se solvente, possivelmente usado para preparação de soluções entorpecentes.

Os frentistas do posto de combustíveis do Mercado Central acompanham diariamente a movimentação no prédio. Eles afirmam que pessoas com problemas de saúde mental entram no antigo Sioge com a desculpa de estar vigiando ou alegando que o prédio é deles. Duas portas dos prédios estão trancadas, porém outra, na lateral direita do imóvel está

aberta. "A cada momento entram usuários de droga, o que ocorre mais à noite. Já foram encontradas pessoas mortas em uma das entradas. A população vive sobressaltada", disse o frentista Jerônimo Silva.

Segundo a moradora da Rua da Misericórdia Renilde Soares da Costa, 41 anos, os usuários de drogas compram os entorpecentes em outros lugares e usam o prédio apenas para consumir. Ela afirmou que eles andam pelo Centro. "Não se vê as pessoas que vivem aí dentro apenas aqui. Eles passam o dia circulando. À noite, se passa alguém que não seja da área, eles assaltam ou agredem. Moro aqui há muito tempo e a gente acaba se acostumando com isso", disse ela, ao denunciar que muitos dos ocupantes acabam invadindo os fundos da Fundação Professor Dr. Odilon Soares.

A responsabilidade do prédio do Sioge atualmente é do Governo do Estado, que já cedeu o prédio à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que por meio de nota esclareceu que ainda não tomou posse do imóvel, onde será instalado o curso de História da instituição de ensino e o Museu de Arqueologia. "A Universidade Federal do Maranhão vem a público esclarecer que ainda não tomou posse do antigo prédio do Sioge [Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado] porque está aguardando o Governo do Estado promover algumas correções no contrato de cessão do prédio. Enquanto as correções não forem feitas, a UFMA não pode assumir a reforma do prédio, nem contratar seguranças para o local. A UFMA informa também que a reforma das instalações ficará a cargo da Petróbras e do Iphan, que vão elaborar os projetos para adequação do prédio", diz a nota.

Polícia tem reprimido ação de usuários de entorpecentes

"Os prédios estão servindo como acampamentos para bandidos e criminosos", declarou taxativamente o comandante do Policiamento Metropolitano (CPM) de São Luís, coronel Jeferson Teles a **O Estado**. Conforme o oficial, os usuários de drogas e outros ocupantes de prédios são pessoas que vivem em situação de rua. Contudo, não é competência da polícia tirá-las desses locais e quem deve solucionar o problema é a Prefeitura de São Luís.

A necessidade de evacuação e fechamento desses prédios, segundo o coronel, é iminente, porque a situação está criando problemas de segurança pública. "São pessoas que vivem na rua, procuram abrigo em espaços abandonados, atuam na criminalidade e vão se esconder nesses pontos", disse Teles, informando que os crimes em sua maioria são furtos, assaltos ou pequenas invasões, feitos por questão de sobrevivência.

Segundo o coronel, a polícia

tem feito seu papel, que é reprimir os usuários de drogas que acabam interferindo na segurança de outros cidadãos. "Já temos conhecimento do prédio do antigo Sige e do São Francisco. Contudo, as incursões da polícia são apenas paliativas, porque nós só podemos agir quando houver flagrante ou iminente flagrante. Se eles estão apenas dentro de um casarão desocupado, não é problema de polícia", explicou ele, ao esclarecer que a polícia não pode agir em todos os casos.

Jeferson Teles ainda afirmou que esse é um problema muito mais social do que de segurança pública. No entanto, acaba refletindo em outras esferas. "É claro que, se a Prefeitura não age para acabar com o problema da moradia de rua, com os usuários de drogas, vamos ter muito mais problemas com segurança nas áreas onde os viciados acabam vivendo e buscando alimentar o seu vício", declarou o diretor do CPM.



Prédio onde funcionou o Sige hoje está abandonado e é utilizado como abrigo para drogados

Déficit

O déficit de magistrados na Justiça estadual de 1º grau maranhense é de 60 juizes de Direito. A conclusão é do presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Antonio Guerreiro Júnior (foto), com base no Código de Divisão e Organização Judiciárias do Maranhão (LC Nº 014/1991), segundo o qual haverá, para as comarcas de pequeno e médio porte, um juiz de direito substituto de entrância inicial para cada grupo de quatro juizes titulares. Segundo informações da Corregedoria da Justiça, 267 juizes estão em atividade nas comarcas atualmente.

Flora Dolores



Para compreender os Juizados Cíveis - III

AURELIANO NETO

O que diferencia os Juizados Especiais Cíveis, esta Justiça que se pretendia dos novos tempos e da mudança de paradigma, da Justiça Tradicional, a Comum, dos grandes e retumbantes foros, aprisionada no campo do formalismo do Código de Processo Civil? A conciliação, sobretudo. Sem a conciliação, a ser exercida à exaustão, efetivada em todos os seus momentos, na fase cognitiva e de execução (artigos 17, 21 e 53, § 1.º, da Lei nº 9.099/95) e instrumentalizada por auxiliares da Justiça (artigo 7º da Lei do JEC), preparados para essa sagrada função de compor o litígio, buscando a solução consensual, os Juizados perdem o seu sentido, a sua finalidade de Justiça moderna, voltando a vestir a velha, surrada e carcomida roupa da Justiça do passado, que tanto se quis modernizar com a instituição da Lei nº 9.099/95. Dizem que do pó viemos e ao pó retornamos. Os Juizados Cíveis estão retornando, infelizmente, a ser a mesma velharia que se condenava em passado bem recente. Inclusive com aplicação por Turmas Recursais de regras de procedimento do CPC, aqui já objeto de comentários nos textos anteriores. Insisto e persisto: Juizado Especial não é Vara. E volto a repetir: Vara é Vara, com o formalismo exacerbado próprio do Código de Processo Civil. A parte autora quando vai ao Juizado Especial sabe dos critérios que o norteiam e servem de parâmetro: oralidade, simplicidade, informalidade, economia processual e celeridade, além da busca incessante da conciliação.

No rito do JEC, o CPC é um estranho no ninho. Só quando expressamente chamado pode participar do curso do processo. De outro modo, não. O Superior Tribunal de Justiça (STJ), que tem cometido alguns graves pecados, ainda assim, já disse isso ao manter intacto o teor do Enunciado 80 do FONAJE, que trata do preparo recursal incompleto, não permitindo intimação para complementação.

A minha querida amiga, a juíza Maria do Carmo Honório, em trabalho coletivo, publicado em Juizados Especiais Cíveis, Ed. Campus Jurídico, 2010, p. 79, esclarece que “a conciliação é, pois, o ato processual mais eficaz e econômico para solucionar as demandas, principalmente na era contemporânea, em que a sobrecarga de trabalho que recai sobre os membros do Poder Judiciário dificulta uma prestação jurisdicional eficiente e rápida”. Kazuo Watanabe, também citado por Maria do Carmo, fala em uma alternativa inovadora que procura reverter a excessiva profissionalização da justiça. Ressalte-se: conciliação não é um instituto tão atual como se pode pensar. É bem velho. Vem dos romanos. No sistema brasileiro, a Constituição Imperial exigia que fosse tentada antes de todo processo (e não todo o), como requisito para sua realização e julga-

Os Juizados Cíveis estão retornando, infelizmente, a ser a mesma velharia que se condenava em passado bem recente

mento da causa. Por isso, audiência uma, tão decantada por alguns, é retrocesso, constituído-se na contraface negativa dos Juizados.

Watanabe conclama que o juiz brasileiro tem engravado em si a cultura da sentença. Bem. Aí só Freud para, chamado do além, explicar. Ainda assim, acrescento: não é só o juiz brasileiro que tem a cultura da sentença, mas os nossos tribunais, com exceções, e a avassaladora maioria dos advogados, cuja formação é para a litigiosidade, manifestando esse vício nos Juizados com imensas petições, até mesmo para fazer simples pedido. Não são raras defesas recheadas de inúteis e protelatórias preliminares, entre as quais a de inépcia da inicial, como se em Juizado tivesse que ser seguida a regra do 282 do CPC, que se refere aos requisitos excessivamente formais da petição inicial, enquanto a Lei nº 9.099/95 não faz nenhuma referência a essa peça inaugural, porém ao simples e informal pedido inicial (artigo 14). E só.

Ultimamente, descobriu-se a pólvora nos Juizados Cíveis. Está a se deferir, extinguindo-se processo a torto e a direito, a preliminar de falta de interesse processual. Equivocadamente, em algumas demandas, entendem que a parte "interessada" tem que primeiro pleitear administrativamente, para daí surgir a necessidade e utilidade da pretensão de quem recorre ao Judiciário. Há um engano a esse respeito, por se tratar de procedimento em Juizados Especiais. E, diga-se, um grave engano. Por que isso? A resposta é simples: o procedimento da Lei nº 9.099/95

abrange duas fases: pré-processual e processual. Na primeira, as partes são chamadas para conciliarem; na segunda, inicia-se o contraditório. Portanto, é óbvio que, não havendo o acordo, o interesse de agir emerge naturalmente para a fase seguinte, em que se deflagram a defesa e a produção de prova, concluída com a sentença. O entendimento do STJ, caso se consolide, não tem aplicação em Juizados Especiais, como ocorreu com o Enunciado 80 do FONAJE, que foi integralmente mantido.

De volta à conciliação. Ada Pellegrini Grinover, em Os Fundamentos da Justiça Conciliativa (In: Mediação e Gerenciamento do Processo - revolução na prestação jurisdicional, Ed. Atlas, p. 3) afirma que "a justiça conciliativa não atende apenas a reclamos de funcionalidade e eficiência do aparelho jurisdicional", ressaltando que "o fundamento social das vias conciliativas, consiste na sua função de pacificação social", quase sempre não alcançada pela sentença. Pura verdade. Os acordos trabalhados pelo conciliador e firmados pelas partes são cumpridos; as sentenças, nem sempre, porquanto precisam de um capítulo de regras impositivas para o seu cumprimento. E a sentença, em boa parte das vezes, desagrada duplamente, senão a todos. Portanto, conciliação é mais que necessária.

.....
Juiz de Direito
E-mail: aureliano_net@zipmail.com.br

Um jovem empreendedor

Felipe Mussalém, de 32 anos, é um jovem atípico, daqueles que a cada dia buscam o aperfeiçoamento profissional. Os que conhecem sua trajetória já o consideram um jovem de sucesso, mas ele não se acomoda. Apaixonado pelo comportamento humano, Felipe iniciou muito cedo sua trajetória empresarial e familiar – é casado há 12 anos com Bruna, pai de Luís Felipe, de 10 anos, e Luís Eduardo, de 8. Não à toa, escolheu as profissões que hoje segue: é formado em Administração de Empresas, Pedagogia, preside a Associação dos Jovens Empresários do Maranhão(AJE) e é sócio proprietário da HS Coaching, única empresa voltada ao ramo no estado. Natural de Recife, Felipe fez do Maranhão sua terra, de corpo, alma e coração, lugar onde constituiu família e consolida a carreira profissional. Motivação, responsabilidade, iniciativa, esforço e foco definem este jovem que nasceu predestinado a se tornar um líder. E ele assegura: “Você ainda vão ouvir falar muito de mim!”. Eu aposto que sim!



Como tudo começou...

Venho de uma família de empreendedores. Meus pais, Miguel e Duda mussalem, são fundadores do Grupo Educacional Santa Fé. Comecei a minha carreira lá, ajudando. Por causa do Grupo, terminei em 2000 a minha graduação em Pedagogia. Logo após, fiz um MBA em Gestão Empresarial na FGV e, em seguida, a graduação em Administração de Empresas. Sempre fui muito inquieto no quesito “formação”, nunca me senti satisfeito e sempre acredito que posso ter mais e conhecer mais.

O Coach...

Em 2008, conheci o Coaching. Coach é um profissional que auxilia no alcance de metas. Inicialmente, a ideia era melhorar a minha gestão no Grupo e a minha liderança. Porém, a ferramenta é transformadora e transformou a minha vida. Em 2010, eu tomei a decisão de montar meu próprio negócio, e assim fiz, montamos, eu e Hércio Santiago, a HS Coaching. Única empresa especializada em coaching no MA. Hoje costumo dizer que sempre que existir um sonho, uma meta a ser alcançada, existe o trabalho de um coach. Com ferramentas de Programação Neuro Linguística - PNL, inteligência emocional e análise Comportamental, eu conduzo o meu cliente para que ele descubra dentro de si o seu máximo potencial para a conquista do seu resultado. O processo de Coaching dota a pessoa do máximo de responsabilização e foco para que ele realize todos os seus sonhos com uma inabalável motivação. Todo esse trabalho de autoconhecimento e foco no objetivo pode ser transportado para as empresas através de treinamentos para líderes e do próprio processo de Coaching executivo.

Os desafios...

O novo. Experimentar o novo assusta. E não estou falando só de fazer com que as pessoas acreditem na ferramenta não, isso é um trabalho de “formiguinha” que faço com o maior prazer do mundo, visito, explico, testo... Enfim, quando falo de que o medo assusta, me refiro ao fato de que as pessoas não acreditam verdadeiramente no seu potencial. Experimentar um novo comportamento, muitas vezes desafiador, e renegar a falso conforto vai de encontro com uma vida de limitações, e isso assusta.

O trabalho...

Na área de Coaching de vida, tenho atendido pessoas no meu “coachtório”, carinhosamente falando. Atendo desde adolescentes que querem melhorar nas notas da escola até executivos que desejam melhorar sua performance. Na área corporativa, tenho trabalhado formação de líderes em estilo Coaching. Atendo clientes como a Renosa (coca cola), FIEMA, SESI, IEL, SENAI, Tribunal de Justiça e Banco Ideal. Tenho feito também muitas palestras sobre empreendedorismo e Coaching, até fora estado.

AAJE...

A AJE é muito especial na minha vida. Sempre fui um líder e nunca perdi uma oportunidade de me destacar. Fui chefe de comissão de formatura, síndico de condomínio, gestor... Enfim, sempre tive muita

facilidade para lidar com pessoas e tê-las comigo, acreditando nos meus ideais e no meu referencial. Entrei na AJE em 2009 quando participei de um evento dela com o tema "gestão familiar". Na época, tinha tudo a ver com o meu negócio. Fiquei fascinado pelo trabalho e me associei. Logo estava assumindo projetos e trabalhando forte pra criar cultura empreendedora em nosso estado, maior objetivo da AJE. Minha atitude foi logo vista pelo Rafael Sombra, então presidente, que me convidou para assumir. Aceitei, criei uma chapa e venci as eleições para o mandato 2012-2014. Sou fascinado pelo grupo. Imaginar que empresários inquietos saem de suas empresas e vão às escolas, faculdades, comunidades e a qualquer lugar que possa descobrir a sua veia empreendedora é muito bonito. Somos o futuro da nossa sociedade e não fugimos dessa responsabilidade. Pelo contrário, assumimos o nosso papel nessa mudança e não vamos parar. Estamos criando um novo país através do empreendedorismo.

São Luís...

Existem muitas expectativas de novos investimentos para a cidade. Independente da política, São Luís vai crescer. Claro que políticas públicas ajudam e incentivam, porém é um caminho sem volta. O crescimento virá. O Maranhão inteiro está fervendo de oportunidade e a capital se beneficia por ser o escoamento dessa riqueza para o mundo. É só olhar os prédios, as lojas, os Shoppings... Enfim, as pessoas estão acreditando na cidade e estão prosperando.

A rotina...

Meu dia é puxado. Acordo muito cedo pra estudar. Bruna faz doutorado fora do país e combinamos que, para um ajudar o outro, acordamos às 4h para estudar. Às 5h30, já começo a acordar a casa, os filhos vão à escola e, às 6h30, já estou na academia. Malho até umas 7h30. Daí até as 20h me divido entre visita a clientes, cursos, atendimentos no coactório e reuniões das diversas diretorias da AJE, geralmente à noite. Chego em casa por volta das 21h e fico com meus filhos e minha esposa. Às 22h, já estou dormindo, pois o outro dia começa cedo!

Um homem de família...

É difícil conciliar trabalho e vida pessoal. Muito difícil. Para alguém na minha idade, onde as oportunidades podem ser únicas, preciso estar atento a tudo. São muitos eventos, reuniões... Varia possibilidades de crescimento que podem não acontecer novamente. Por outro lado, tem a família e meus filhos, que



também são oportunidades únicas que não posso deixar passar. Por exemplo, uma conquista na escola terá o seu momento de acontecer e ele não voltará. Outras conquistas virão, mas aquela passará. Preciso estar sempre atento e conversando muito com eles e com a Bruna. Tudo lá em casa é muito conversado e combinado, para que não gere nenhuma frustração nem minha, nem deles. Quando penso em mim, penso neles três: Bruna, Luis Felipe e Luis Eduardo. Trabalho e viajo muito, porém, o tempo que passo em São Luís, passo com eles. Eles me inspiram e me fortalecem para que eu seja cada vez mais e melhor.

A paixão pelas viagens...

Tenho uma tradição de viagens na minha casa: todos os anos, eu faço uma viagem de lua de mel e uma de família. Todas são inesquecíveis. Mas, para eleger uma, fico com New York. Lá você se sente no centro do mundo. NY é o lugar onde tudo acontece. O mais engraçado é que mesmo sem visitar, você já conhece a cidade toda, por filmes, jornais e TV. Nomes como Broadway, Times Square, Central Park... Quando você chega nesses lugares você não acredita. É uma sensação muito especial.

Fora do trabalho...

Sou "ligado na tomada". É difícil parar, a cabeça vive a mil. Porém, sou muito família. Adoro cozinhar alguma coisa com Bruna numa sexta à noite, pegar um cinema com as crianças num sábado à tarde, piscina aos domingos. Fora do trabalho sou muito família. Com exceção das quintas-feiras a noite, quando pego minha moto (yamaha 1000 cilindradas) e me encontro com os amigos para dar um rolê. Esse momento é meu e ninguém tasca. (muitos risos).

A vaidade...

Sou vaidoso sim. Ainda mais hoje em dia que virei uma pessoa pública. Bruna me mantém na linha e eu gosto. Cuido da pele, cabelo, unha, gosto de roupa boa, relógio legal... Não dá pra descuidar do cartão de visitas. À frente da AJE, e em minhas palestras, sou um referencial, principalmente aos jovens, e me ver bem os inspira ainda mais.

Cuidados com a saúde...

Malho diariamente e corro de 2 a 3 vezes por semana. Me alimento muito bem durante a semana. Respeito os intervalos entre as refeições... Sou muito disciplinado e isso não foge à minha saúde. Não fumo e bebo pouco. Procuro estar sempre bem para o próximo dia.

Em um futuro próximo...

Quero crescer como palestrante. Tenho me dedicado cada vez mais a estudar e transformar o que eu estudo e vivo em palestra e me comunicar de maneira leve, positiva e com vivência naquilo, que pra mim é fundamental. Para 2013, planejo me especializar ainda mais no estudo do comportamento humano, através da PNL (Programação Neuro Linguística), e com isso poder ajudar mais pessoas a realizarem os seus sonhos.

Acusados de homicídio vão a júri em Imperatriz

Dois acusados pelo crime de homicídio vão a júri na 2ª Vara Criminal de Imperatriz, nos dias 18 e 25 de outubro.

Os julgamentos serão presidi- dos pela juíza Suely de Oliveira Santos Feitosa e fazem parte da 4ª Reunião Ordinária do Tribunal do Júri da unidade.

Gilvan Gomes Campos, co- nhecido como “Gil Baleia”, vai ser julgado no dia 18, pelo ho- micídio de Joaquim Wellington da Silva Ribeiro.

O crime aconteceu no dia 6 de fevereiro de 2007, no Bairro Bacuri, em Imperatriz, e teria sido motivado por uma discussão entre acusado e vítima. Joaquim Wellington foi assassinado a gol- pes de faca no abdômen.

No dia 25, Francinaldo Silva Nogueira, o “Negão da Bróz”, que está solto, será julgado pelo homicídio de Francisco Bezerra Costa, ocorrido no dia 16 de julho, de 2001, em um posto de combustível, em Imperatriz.

No dia do crime, a vítima bebia em um bar com alguns amigos, quando o acusado che- gou e efetuou dois disparos em Francisco.

A motivação do homicídio seria o fato de a vítima suposta- mente ter comentado que havia mantido relações sexuais com o acusado. *(Redação do JP)*